

8

MURILO MENDES

O POETA, A MUSA E A NOITE

A noite foi feita para se vigiar e se contemplar. Assim eu vigio e contemplo. Sou uma sentinela espiritual de Berenice, que não dorme também na sua casa distante. Ela pensa em si mesma, no passado, na sua angústia, no fim das coisas, – em Deus que a criou e não a pode abandonar – e no qual ela tem a vida, o movimento e o ser. Eu a cerco com uma cadeia de orações, eu me uno à sua tristeza e peço a Deus que faça recair sobre mim um pouco dos sofrimentos que lhe não são destinados.

A lua, a pedra e o mar presidem continuamente a todas as transformações, revoltas e desordens. São os mesmos desde o princípio dos tempos. Atravessam sem se comover os ciclos das gerações. Têm uma afinidade inquietante com o divino e com a musa.

A noite faz o homem voltar lentamente para os enigmas de Deus, para o ilimitado. A noite é a esfinge, o oráculo, o sonho, a majestade, a profecia, a volúpia. A noite é nupcial, virginal e maternal. A noite assiste à gestação de todos os poemas. A noite assiste às bodas do homem com a eterna, volúvel e universal Mulher. A noite é a confidência, o desligamento do universo de Satã. Através do tempo e do espaço comungo com todos os seres vivos, mortos e por nascer. Minha alma rompe a camada hereditária, voa na órbita dos planetas e gravita em torno da Imaculada Conceição!